

Karl Renner – uma biobibliografia introdutória

Marcus Fidelis Ferreira Castro ¹

Arnaldo Bastos Santos Neto ²

Artigo submetido em: 15/03/2015

Aprovado para publicação em: 05/10/2015

Resumo: O artigo faz uma apresentação da vida e obra do jurista e político austríaco Karl Renner, que foi parlamentar, primeiro-ministro e presidente da Áustria, cuja obra mais conhecida, *As Instituições do Direito Privado e suas Funções Sociais*, contribuição pioneira a uma sociologia do direito marxista, passado mais de um século de sua publicação original permanece disponível apenas em alemão, inglês e italiano.

Palavras-chave: Karl Renner; Austromarxismo; Austria; Função social da propriedade; Internacionalismo

Karl Renner – an introductory biobibliography

Abstract: This article is a brief introduction to the life and works of the Austrian politician and jurist Karl Renner who was a congressman and both prime minister and president of Austria, whose most well known work, *The Institutions of Private Law and their Social Functions*, a pioneering contribution to a marxist sociology of law, more than one century after its original publishing is still available only in German, English and Italian.

Keywords: Karl Renner; Austro-marxism; Austria; Social function of property; Internacionalism

1. INTRODUÇÃO

O jurista austríaco Karl Renner é pouco conhecido no Brasil, a despeito do reconhecimento internacional angariado por sua obra principal, *As Instituições do Direito Privado e suas Funções Sociais*, considerada a contribuição pioneira a uma sociologia marxista do Direito, publicada originalmente em 1904, e em segunda edição revista em 1929. Prova do interesse que desperta é a recente publicação de uma nova edição em inglês. A inexistência de traduções para o português e o espanhol é certamente uma das razões para sua pouca divulgação entre nós³.

¹ Mestrando em Direito no Programa de Pós-Graduação em Direito Agrário. E-mail: fidelis.go@gmail.com

² Doutor em direito; Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Direito, Departamento de Direito Processual Civil e Trabalhista. E-mail: arnaldobsneto@yahoo.com.br

³ A tradução em inglês foi publicada originalmente na Grã-Bretanha, em 1949, e reeditada em 1976. Uma reedição, acrescida de nova introdução, foi lançada nos Estados Unidos, em 2010. A edição italiana é de 1981 (RENNER, 1976, 1981, 2009).

Outra contribuição importante de Renner foi quanto à questão das nacionalidades, abordada em seu primeiro trabalho, haja vista a centralidade que ocupava esta questão no multinacional Império Austro-Húngaro. Nela, propunha uma abordagem original, de convivência das diversas nacionalidades no mesmo território, divergindo da visão dominante de associação entre maioria populacional e território exclusivo. Sua abordagem é ainda hoje relevante, num momento em que o tema continua a afligir o mundo.

A derrocada do Império, ao final da Grande Guerra, com a consequente perda de importância internacional da Áustria, juntamente com a não adesão dos chamados austromarxistas ao comunismo internacional após a revolução bolchevique - o que os colocou no ostracismo - seriam outros fatores que contribuiriam para o desconhecimento não só do seu trabalho mas do grupo como um todo.

Trata-se de um grupo de pensadores que aliaram a produção teórica à prática política no comando do Partido Socialdemocrata Austríaco, no qual o próprio Renner teve atuação decisiva, atuando como destacado parlamentar e sendo considerado um dos principais artífices da primeira e da segunda repúblicas austríacas, surgidas nos momentos críticos que foram os dois pós-guerras (foi chanceler, na primeira, e presidente, na segunda). Foi também ele quem comissionou a Hans Kelsen a elaboração da proposta da Constituição da Primeira República Austríaca.

Considerando a injustificada ignorância sobre Renner no Brasil, este artigo tem por finalidade fazer uma breve apresentação de sua trajetória de vida.

Há aspectos controvertidos na atuação de Renner e dos austromarxistas, que serão abordados, como sua defesa da *Anschluss*, união política com a Alemanha, no pós-Primeira Guerra Mundial e anos seguintes, embora com características diferentes da que viria a acontecer, sob os nazistas, em 1938 (saudada por Renner).

Também sua opção pela atuação parlamentar, tipicamente socialdemocrata, atacada numa esquerda onde predominava a adesão ao revolucionarismo bolchevique e que levou ao apagamento de suas contribuições, como já mencionado acima, será tratada.

Finalmente, pode-se compreender que a Áustria da segunda república, cujo primeiro presidente foi Renner, era completamente diversa daquela da primeira república, da qual fora primeiro-ministro. Perdera sua elite cultural judia, educada e cosmopolita, mas não fora obrigada, como a Alemanha Ocidental, a admitir os crimes praticados ou permitidos. Tinha características semelhantes à Itália, que também lutara ao lado dos alemães e sofrera as consequências da derrota e era pobre e instável politicamente. Assemelhava-se, também, curiosamente, à Alemanha Oriental: além da burocracia monótona que dominava seu aparato cívico, os dois países eram construções geográficas impostas e estavam alicerçados em acordos tácitos de que se deveria construir uma nova identidade positiva para o público em geral. No caso da Áustria, a estratégia foi mais bem sucedida (JUDT, 2008, p. 269-272).

2. PERCURSO HISTÓRICO DE RENNER

Os principais eventos na vida de Renner são aqui apresentados, tendo por referência fundamentalmente BULLOCH (2009), que, a despeito de concentrar-se na sua participação nas conferências de paz pós-Primeira Guerra Mundial, portanto no Renner político, é rico em informações sobre sua formação.

Grande parte delas, no que se refere à infância, autobiográficas, daí aquele autor recomendar a necessária cautela.

2.1 Anos de formação e início da atividade política e intelectual

Renner nasceu em 14 de dezembro de 1870 em Unter-Tannowitz, nome alemão para a hoje comuna tcheca de Dolní Dunajovice, situada na região da Morávia do Sul, distrito de Breclav. Era o décimo sétimo ou décimo oitavo filho de Maria Renner, que pariu gêmeos, sendo seus pais camponeses de ascendência alemã (BULLOCH, 2009, p. 14). Seu bisavô fora feito homem livre por um senhor esclarecido e generoso, deixara a Saxônia em meados do Século XVIII e se estabelecera em férteis terras próximas ao Rio Thaya, cujo curso segue aproximadamente a atual fronteira entre a Áustria e a República Tcheca. Seu pai precisou hipotecar a propriedade e depois vendê-la aos poucos em decorrência de dificuldades resultantes primeiro das requisições para a Guerra Austro-Prussiana de 1866 e depois, do *crash* da bolsa, em 1873, que derrubou os preços do vinho e dos grãos (BULLOCH 2009, p. 15-16).

Renner começou a frequentar a escola no outono de 1876. Teve dificuldades a princípio, devido à crescente pobreza da família. Aluno brilhante, deu continuidade aos estudos, também com dificuldades materiais, em uma cidade próxima, a atual Mikulov. Foi aprovado com distinção em seus exames para o certificado de conclusão da escola (BULLOCH 2009, p. 17-20).

A saída que ele encontrou para mudar-se para Viena foi prestar logo seu serviço militar. Ele se apresentou em Viena no outono de 1889. Foi no serviço militar que Renner teve seu primeiro contato com a teoria marxista e também com todo o espectro de nacionalidades e estratos sociais da monarquia (BULLOCH 2009, p. 21-22).

Matriculou-se em Direito na Universidade de Viena, no outono de 1890. Conheceu Luise Stoicis, com quem se uniu numa cerimônia simples pois havia deixado a Igreja Católica anos antes e era crítico do casamento tradicional, que considerava “burguês”. Ela estava grávida e em 16 de agosto de 1891 tiveram uma filha, Leopoldine (BULLOCH 2009, p. 24-25).

O contraste entre a vida da aristocracia, que vislumbrava trabalhando como tutor de jovens, e a vida miserável que muitos levavam em Viena era total e chocava Renner. Os aluguéis eram altíssimos, havia superlotação e um crônico problema de sem tetos. Renner tinha que encaixar seus estudos em meio aos vários empregos que arrumava. Luise arrumou um trabalho de doméstica e deixaram Josefina para ser cuidada em uma cidade próxima, onde a visitavam todo fim de semana. Em novembro de 1892 conseguiu um emprego estável e pôde alugar um apartamento para morar com Luise (BULLOCH 2009, p. 26-27).

Nessa época que começa o envolvimento de Renner com a política de esquerda. O irmão de um de seus alunos, embora milionário, pertencia a uma célula socialista na escola e através dele conheceu Max Adler, Rudolf Hilferding, que seria posteriormente ministro das finanças alemão, vienense por nascimento, e Julius Deutsch, futuro líder da força paralmilitar associada ao Partido Socialdemocrata. Foi aí também que Renner conheceu os trabalhos de Engels, ficando especialmente impressionado com *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*.

O Partido Socialdemocrata tinha sido oficialmente constituído na virada de ano de 1888 para 1889. Renner ministrou um curso de teoria socialista entre 1894 e 1895, repetido no ano seguinte. Ali ele conheceu Victor Adler, o pai fundador da socialdemocracia austríaca. Adler o aconselhou a continuar os

estudos e assegurar um bom emprego de classe média, sem perder o contato, até que fosse chamado pelo partido. Outro empecilho a envolver-se com a política partidária era o emprego de arquivista na biblioteca da Câmara dos Deputados, em Viena, que exigia compromisso de imparcialidade. Assumir este emprego também fechou as portas para uma carreira jurídica, que implicaria mais sete anos de preparação prática. Por outro lado, graças ao novo emprego, ele, Luise e Leopoldine puderam finalmente viver juntos num novo apartamento, ainda que isso exigisse que ele continuasse dando aulas à noite, o que lhe deixava pouco tempo para estudar.

Depois de meses trabalhando como um funcionário exemplar, ele foi efetivado no serviço público, a despeito de objeções levantadas quanto ao seu estado civil, pois viveria “em pecado”, e de considerações quanto a Luise estar abaixo do seu nível. Em 1897 casaram-se oficialmente e em 1898 Renner doutorou-se em Direito, com distinção. Tendo a biblioteca da Câmara dos Deputados à sua disposição, ele passou a pesquisar e escrever sobre temas jurídicos, sócio-científicos e políticos usando pseudônimos devido à proibição de engajamento público (BULLOCH 2009, p. 27-29).

A questão da nacionalidade estava na ordem do dia, no parlamento e nas ruas, e em 1899 Renner tratou do tema na obra *Staat und Nation*, publicada sob o pseudônimo de Synopticus. A fórmula que propunha só ficaria clara quase duas décadas depois, na Áustria que surgiria após a Grande Guerra. Seu argumento era de que o conceito de nação era cultural e não territorial, daí que a questão nacional não seria resolvida pela mera identificação de nações com territórios do império. Renner usou a analogia da convivência lado a lado das diferentes denominações religiosas na Áustria desde a Reforma, evidenciando como as congregações dos diferentes credos ultrapassavam as fronteiras políticas, mas mesmo assim as igrejas conseguiam conduzir as questões de seus fiéis, independente de onde vivessem. A tese de Renner de autonomia pessoal, contudo, não foi acatada, preferindo-se a do federalismo étnico, em que as nacionalidades constituiriam, na medida do possível, territórios homogêneos, que ele criticava justificando que levaria à dominação violenta das minorias (BULLOCH 2009, p. 31-32).

2.2 Antes da Grande Guerra

Renner estava prestes a começar sua *habilitation* – tese de pós-doutoramento que dava a qualificação para lecionar na universidade - quando o partido pediu que se candidatasse ao parlamento, nas eleições de maio de 1907. Embora publicamente tivesse se mantido afastado do partido, por conta de seu cargo, estivera em contato com sua liderança o tempo todo. As restrições à sua candidatura por conta da falta de um perfil público foram relevadas considerando sua impressionante produção de escritos políticos.

Sua candidatura foi possível graças à introdução do sufrágio universal para os homens, o que gerou nos socialistas a expectativa de aumentar significativamente sua bancada. Fez uma campanha difícil, mas a despeito disso foi eleito e a bancada do partido pulou de 10 para 87 deputados, num parlamento com 516 membros. A bancada majoritária, com 96 deputados, foi do Partido Social cristão, marcadamente católico, com sua base principalmente no campesinato de origem alemã e nas classes médias baixas urbanas.

Renner logo se destacou na Câmara dos Deputados por sua habilidade retórica e foi eleito para várias comissões, especializando-se em assuntos orçamentários e jurídicos. Em 1908 foi eleito ainda para a Assembleia Provincial da Baixa Áustria, que também se reunia em Viena, na qual permaneceu até 1921.

A essa época, seus escritos sobre os problemas da nacionalidade no império chamaram a atenção

dos principais revolucionários russos. O jovem Stalin o criticou, chamando seu programa para as nacionalidades uma forma de “nacionalismo mais que sutil” enquanto Lênin atacou seu princípio de autonomia cultural. Trotsky, que fora para Viena após escapar do exílio na Sibéria, em 1907, também o criticou, considerando que os líderes austromarxistas tinham falta de espírito revolucionário em geral. Com Renner, ele esteve uma noite no Café Central e em anos posteriores o alcunhava “Chanceler de opereta” (RAUSCHER, 1995 apud BULLOCH, 2009, p. 35-36).

Renner parecia ainda menos a imagem de um revolucionário que os fundadores do austromarxismo, que combinavam a doutrina socialista com princípios democráticos e instituições parlamentares. Embora tivesse desenvolvido várias das ideias de Renner no tema em seu próprio trabalho, Otto Bauer, a principal liderança da ala esquerda do Partido Socialdemocrata o criticava por ter, em sua opinião, subestimado a importância da classe trabalhadora (BULLOCH, 2009, p. 38-39).

Em junho de 1911 Renner foi reeleito. No segundo mandato participava de 32 comissões parlamentares especializadas e no mesmo ano assumiu a direção da Liga das Cooperativas Alimentares. Em 1913 entrou para o comitê central da Aliança Cooperativa Internacional. Quem o encorajou a entrar nesta área, que tomaria muito de seu tempo nas décadas seguintes, sem lhe trazer muito reconhecimento, foi Victor Adler.

A questão nacionalista não fora abrandada com o sufrágio universal, ao contrário do que pretendia a monarquia. E a partir de 1908, constatado o seu fracasso, o imperador Franz Joseph passou a governar com ou sem a Câmara dos Deputados. Os acontecimentos foram se sucedendo até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, após o assassinato do pretense herdeiro do trono Habsburgo, Franz Ferdinand, em Sarajevo, capital da Bósnia.

2.3 A Grande Guerra

A guerra foi recebida com entusiasmo na Áustria e também no resto da Europa. Mesmo os Socialdemocratas, após protestarem no início, foram contaminados pela atmosfera

belicosa, afirmando sua lealdade à monarquia e apoiando uma guerra defensiva. O patriotismo de Renner, contudo, foi demais para a ala esquerda do seu partido. Sua adesão inabalável à liderança e interesse estatal no plano *Mittleeuropa*, de Naumann, cujo objetivo era a hegemonia cultural e econômica alemã na Europa Central era vista com suspeição e ele foi chamado de “Social Imperialista” (RAUSCHER, 1995 apud BULLOCH, 2009, p. 40). Desentendeu-se com personalidades como o agitador Friedrich Adler e Max Adler (não eram aparentados), assim como Rudolf Hilferding e outros que começaram uma campanha ideológica contra ele, rompendo a política de unidade partidária.

Após dois anos de guerra houve um agravamento da crise alimentar dela decorrente. Em maio de 1916 houve manifestações em Viena. A perspectiva de radicalização na Áustria foi incrementada pelo fechamento da Câmara dos Deputados desde o início da guerra. Com a frustração decorrente deste regime repressivo, Friedrich Adler, que deixara o pacifismo e optara pela adesão a táticas terroristas resolveu assassinar um político importante e matou o Conde Karl Stürgkh, que governava por decreto (RAUSCHER, 1995 apud BULLOCH, 2009, p. 43).

No outono de 1916, o sucessor de Stürgkh, Ernest Von Koerber, ofereceu a Renner o cargo de diretor do órgão responsável pelo suprimento de cereais em tempos de guerra. Ele aceitou e tornou-se o primeiro

socialdemocrata a tomar parte no governo da Áustria. Ele tinha sido notado pelos círculos governamentais, a quem parecia ser o único indivíduo capaz de reconciliar as facções divergentes da monarquia. A seu favor contava ter coragem de defender a guerra, ter proposto soluções para a preservação do Império sob os Habsburgos e enquanto socialdemocrata ter condições de conseguir pacificar a crescente ira dos trabalhadores.

Em 21 de novembro de 1916, depois de 68 anos no poder, morreu o imperador Franz Joseph. Sua figura prestigiosa era um elemento de coesão, se não pelo sentimento patriótico, pelo respeito entre os povos da monarquia. Sem ele, a fragilidade da montagem do Império parecia maior que nunca.

Renner teve uma experiência frustrante com o sucessor de Franz Joseph, Karl, seu bisneto de 29 anos. Conseguiu uma audiência com o novo imperador na qual pretendia discutir, além da questão alimentar, outros temas, como a reforma constitucional. Sentiu-se humilhado porque o Imperador não permitiu que um funcionário inferior discutisse com ele questões de Estado e quando tocou na questão das nacionalidades e o presenteou com seu novo livro, *Austria's Renewal*, o imperador fez pouco caso. Posteriormente ele soube que Karl pensara que ele era um maçom e tivera medo de que fosse um potencial assassino.

Em 1917, a Câmara dos Deputados foi finalmente reinstalada e a questão nacionalista era mais aguda que nunca, com diferentes nacionalidades exigindo novos estados, desde autônomos sob a monarquia até independentes. Renner discursou contra a natureza excessivamente autoritária do governo de tempos de guerra. Advertiu que se a monarquia quisesse sobreviver teria que provar seu valor para todas as nacionalidades. Também cobrou a restauração de todas as liberdades para as pessoas na Áustria. No seu julgamento, em maio de 1917, Adler lançou um ataque contundente a Renner, no qual desancou o colega de partido por sua falta de princípios e por disfarçar suas “verdadeiras convicções íntimas” de patriota imperial austríaco. O primeiro-ministro tentou ampliar a composição do seu governo, para ter apoio do Câmara dos Deputados. Em junho de 1917 chamou Renner para um posto de ministro representando os socialdemocratas num governo de coalizão. O partido foi contra e Renner também pois desconfiava do primeiro ministro, um arquiconservador.

Em fins de 1917, os socialdemocratas, influenciados pelos eventos na Rússia, tinham pendido fortemente para a esquerda. Otto Bauer tinha retornado da prisão de guerra na Rússia e enquanto seu prestígio crescia o de Renner diminuía. No congresso do partido em outubro, o primeiro após o início da guerra, toda a liderança foi criticada por sua atitude de lealdade ao governo imperial. Renner foi o mais censurado pela esquerda, já que era geralmente considerado o mais fiel apoiador dos Habsburgos dentre todos os socialdemocratas, tendo se mantido aferrado à ideia de uma monarquia supranacional mesmo quando outros a haviam abandonado. Ele defendeu sua postura no congresso, insistindo ser um pragmático. Só não houve um racha no partido graças aos esforços de Victor Adler. No congresso, aprovaram uma resolução que repetia a dos socialdemocratas da Alemanha, demandando uma paz sem anexações ou reparações (BULLOCH, 2009, p. 44-46).

Em 11 de novembro de 1917, os socialdemocratas organizaram manifestações a favor da paz. Os eventos posteriores deixaram a monarquia em queda livre, mas Renner se aferrou a sua crença de que ela tinha futuro, continuando a argumentar que o Estado multinacional era uma forma de organização política superior ao Estado-Nação. Com sua postura, Renner era sempre cotado para um cargo de ministro, até mesmo de ministro-presidente. Em outubro de 1918 o imperador lhe ofereceu o posto, mas os socialdemocratas recusaram-se a receber o fardo de um navio naufragando. A entrada dos socialdemocratas alemães no governo de Max von Baden's gerou um clamor em apoio à *Anschluss*, a união política com a Alemanha.

Em 21 de outubro os deputados alemães da Câmara dos Deputados se reuniram em Viena e constituíram-se na Assembleia Nacional Provisória da Austro-Alemanha. Em 11 de novembro o imperador editou uma proclamação reconhecendo por antecipação a forma de governo que a Austro-Alemanha escolhesse e renunciando a qualquer participação posterior nos negócios de Estado. Renner participou ativamente de todos esses episódios. Em 30 de outubro de 1918, na segunda sessão da Assembleia Nacional Provisória em Viena, Renner apresentou uma constituição provisória. Ele apelou aos trabalhadores, fazendeiros e às classes médias para se unirem e cooperarem no novo Estado. No seu congresso recente os socialdemocratas haviam decidido trabalhar junto com os partidos burgueses numa tentativa de efetivar uma transição tão suave quanto possível e prevenir o tipo de revolução que tinha sido desencadeada na Alemanha. Mesmo Otto Bauer tentou abrandar o espírito revolucionário. Assim, um governo provisório foi formado com todos os partidos e o conciliador Renner tornou-se o chefe do governo, em grande medida, como parece hoje, graças a um estratagema seu. Nesta condição, atribuiu ao seu cargo muito mais autoridade do que ele oficialmente tinha.

Em 12 de novembro a República Austro-Alemã foi proclamada, com Renner no cargo de primeiro-ministro autoindicado. Victor Adler morrera na véspera e Otto Bauer assumiu o posto de ministro do exterior que seria dele. A Austro-Alemanha foi declarada parte constituinte da República Alemã. No seu discurso para marcar esta data histórica, Renner afirmou seu compromisso com a *Anschluss*, enfatizando os laços históricos, culturais e étnicos entre os alemães da Áustria e seus irmãos na Alemanha. Ele também falou da necessidade de uma Liga das Nações pela Europa para proteger o continente dos interesses imperialistas da burguesia anglo-saxã. No mesmo dia fracassou uma tentativa de golpe bolchevique em Viena. O zelo da socialdemocracia com a unidade partidária mostrara seu valor. Diferentemente da Alemanha, onde os socialdemocratas tinham rachado em 1917, o comunismo fora incapaz de angariar muito apoio na Áustria. Por conta disso, a atividade revolucionária era isolada e insignificante.

Karl Renner, aos 47 anos, tinha chegado ao ápice do poder político em sua terra natal. Não fora um caminho ortodoxo, certamente, mas eram tempos excepcionais, e é relevante que o modo levemente autoritário de manobra política usado por Renner, que se repetiria em 1945, tivera por objetivo reforçar o sistema democrático (BULLOCH, 2009, 47-54).

2.4 O pós-Grande Guerra

Com a derrota do Império Habsburgo na Primeira Guerra Mundial e seu desmembramento, reduziu-se também a influência dos austromarxistas no movimento socialista europeu, embora continuassem como uma força política importante na Áustria até 1934, quando houve um golpe de direita e instalou-se um governo clerical que durou até a invasão nazista. Por outro lado, novas tendências intelectuais e políticas eclipsaram sua contribuição ao pensamento marxista internacional, terminando por relegá-los ao quase esquecimento (BOTTOMORE, 1978, p. 1-2).

Segundo Bottomore (1978, p. 2), “este esquecimento por demais imerecido, pois foi notável sua contribuição para o desenvolvimento da ciência social marxista e suas análises sobre as mudanças no capitalismo do século XX, bem como seus estudos do marxismo como um método de investigação social mantém muito do seu valor ainda hoje”.

Renner dirigiu-se a Paris, chefiando a missão austríaca para as negociações da paz que culminariam

no Tratado de Saint Germain. O sentimento predominante após sua assinatura em 10 de setembro de 1919 era de que a Áustria tinha ficado numa posição insustentável, proibida de unir-se politicamente com a Alemanha, desligada economicamente dos seus vizinhos e com reparações a pagar (BULLOCH, 2009, p. 59-91).

Renner teve que lidar com a difícil situação econômica do país, que incluía a falta de alimentos. No interior do partido enfrentava críticas, como as de Max Adler, feitas no congresso da agremiação, no outono de 1919, por pensar mais como primeiro-ministro que como socialista. Renner, em sua defesa, expôs sua visão de um caminho evolucionário em direção ao ideal socialista. Declarou seu apoio aos direitos individuais e criticou o regime soviético bem como a breve ditadura comunista de Béla Kun na Hungria.

A despeito da desconfiança no próprio partido, Renner conseguiu aprovar uma legislação trabalhista ampla durante seu curto mandato. O Tratado de Saint Germain, como todos os tratados de paz de Paris, tinha cláusulas estabelecendo objetivos gerais para reformas trabalhistas. A Áustria foi ágil para cumpri-las. A primeira delas foi a criação de um benefício para os desempregados, dias depois da fundação da República. Voltado para o contingente de soldados que haviam voltado da guerra, em 1920 foi convertido em um seguro-desemprego para o qual empregadores e empregados contribuíam. Provavelmente a mais citada reforma deste período foi a introdução da jornada de oito horas diárias. Implantada no inverno de 1918-19 para os operários fabris, em 1920 foi ampliada para todos os setores. Utilizando o total de horas semanais, tinha um nível de flexibilidade que permitia a alguns empregados ter o sábado à tarde livre, trabalhando horas a mais durante a semana. Tais mudanças foram copiadas por vários países vizinhos da Áustria.

Também foi aprovada legislação limitando os trabalhos que poderiam ser executados por mulheres e crianças bem como determinando que estas não deveriam ser impedidas de frequentar a escola por conta do trabalho. Houve melhorias nas legislações de saúde e segurança, mais rigor na legislação de demissão, especialmente para empregados administrativos, introdução da indenização por demissão - variando de uma a duas semanas por ano para operários fabris - e uma ampliação da legislação sobre seguro- doença e contra acidentes de trabalho. Também foi aprovada uma legislação criando conselhos de trabalhadores que representavam seus interesses tanto politicamente (como faziam as câmaras de comércio) quanto no local de trabalho, onde sua função era melhorar o bem estar econômico e social dos empregados e atuar como um intermediário entre empregados e empregadores (BULLOCH, 2009, p. 101-103).

Em 20 de junho de 1920 a coalizão entre socialdemocratas e o partido Social cristão ruiu. Com as tensões que vinham crescendo entre os parceiros chegando a seu ápice, os socialdemocratas renunciaram e começou a busca por um novo governo. As tensões foram em função de temas como a forma que deveria assumir a nova constituição e o crescimento sem verificação das milícias armadas tanto de direita como de esquerda. Além disso, os social cristãos acusavam Renner de ter-se aproveitado das condições impostas pela Comissão de Reparções como desculpa para forçar legislação. De sua parte, os socialdemocratas acusavam os aliados de impedir a qualquer preço a aprovação de reformas.

Um novo governo foi formado, com representação proporcional de todos os partidos e o único objetivo de manter o governo em funcionamento até a realização de eleições, em outubro. Nele, ao invés de agir como numa coalizão, os representantes partidários agiam independentemente. Renner ficou com o Ministério das Relações Exteriores, mas não teve como selar suas próprias ideias na constituição. Antes de partir para a Conferência de Paz, ele delegara a elaboração do projeto de constituição de uma república federal baseada na democracia parlamentar ao jurista Hans Kelsen. Os social cristãos, que eram fortes nas províncias, tinham preferência por um maior grau de federalismo, enquanto os socialdemocratas, fortes

em Viena, preferiam mais centralismo. Renner tinha uma visão intermediária, mas foi retirado do processo pelo seu próprio partido, que o excluiu da comissão supervisora suprapartidária. A constituição foi aprovada unanimemente pela Assembleia Nacional em 1º de outubro de 1920. Era mais que claro a essa época que a Áustria criada em Saint Germain estava condenada a ser uma criação artificial e a-histórica dos aliados vencedores da guerra, em contraste com as lealdades provinciais, extremamente fortes.

A despeito das dificuldades enfrentadas, em 1923, a crise do pós-guerra estava superada e as perspectivas eram melhores. Renner tinha conseguido uma transição mais tranquila que as da Alemanha e da Hungria; legislação social importante tinha sido introduzida, servindo de modelo para outros países da região; sua intercessão junto aos aliados tinha iniciado um processo que levou à reconstrução econômica e ele tinha ajudado a tirar a Áustria do isolamento internacional. No entanto, ele e seu partido estavam fora do governo, o que iria até o fim da Segunda Guerra Mundial, com a vitória dos social cristãos nas eleições e a coalizão que formaram com os pan-germânicos. Dentro do próprio partido, Renner tinha sido superado por Bauer, mais dogmático e cuja abordagem de linha-dura contribuiu para a polarização da política austríaca.

Durante seu ostracismo, Renner devotou seu tempo ao movimento cooperativista, fazendo campanhas para atrair mais membros e buscando desenvolver organizações que permitissem à classe trabalhadora prover a si própria. Também foi co-fundador do Banco dos Trabalhadores, *Arbeiterbank*, que começou a operar em 1923⁴. Embora um trabalhador compulsivo, Renner também era, paradoxalmente, um *bon vivant*. Aproveitou o tempo disponível para existência burguesa na sua casa de campo de Gloggnitz, junto com sua família, além de colocar em dia as amizades, jogar cartas e desfrutar de bailes (BULLOCH, 2009, p. 108-110).

2.5 A Segunda Guerra Mundial

Em 12 de março de 1938 os tanques nazistas avançaram sobre a Áustria e o país foi anexado ao Reich Alemão. Até Hitler surpreendeu-se com a recepção calorosa dos austríacos. Este episódio é outro momento da personalidade dual de Renner. Ele a princípio se preparou para fugir com a família, mas depois reviu o plano, considerando que já tinha 67 anos e seria muito tarde para um recomeço. Subitamente, se colocou novamente nos holofotes ao manifestar seu apoio à *Anschluss*, o que fez numa entrevista, dada em três de abril de 1938 ao *Neues Wiener Tagblatt*, na qual disse (RAUSHER, 1995 apud BULLOCH, 2009, p. 140):

Embora não tenha sido feita segundo métodos que aprovo, a anexação agora aconteceu, é um fato histórico, e eu a vejo verdadeiramente como uma compensação pela humilhação de 1918 e 1919, por Saint Germain e Versalhes. Eu teria que negar todo o meu passado como um ativista teórico pela autodeterminação nacional e como um estadista teuto-austríaco se não fosse com satisfação que eu desse as boas-vindas a este grande evento histórico: a reunificação da nação Alemã. (tradução nossa).

Se alguns tinham dúvidas sobre as condições em que a entrevista fora dada, como era o caso de Bauer, que do exílio no qual morreria pouco depois acreditava que Renner tinha sido pressionado ou chantageado a concedê-la, uma nova entrevista as dissipou (WORLD REVIEW apud BULLOCH, 2009, p. 140):

Ele explicou que “se expressara espontaneamente e em completa liberdade” mesmo lamentando se submeter a um regime com uma política racial incompreensível. Concluiu a entrevista com a

⁴ Foi fechado em 1934 e reaberto em 1947. Em 1963 mudou o nome para *Bank für Arbeit und Wirtschaft* -BAWAG (Banco do Trabalho e Economia).

convicção de que “os estados permanecem, mas os sistemas mudam. Eu não posso recusar algo que desejei com todas minhas forças porque foi conseguido de um jeito diferente do meu”. (tradução nossa)

Renner, ao contrário de muitos dos seus colegas socialdemocratas, viveu uma vida tranquila durante a guerra. Permaneceu sob supervisão constante dos nazistas e não se envolveu com a resistência.

A produção da horta doméstica complementava a alimentação da família. Além de estudar, usou parte do tempo para começar a escrever suas memórias e uma história da Áustria desde 1918, publicada postumamente, assim como uma obra épica em verso, *Weltbild der Moderne*, inspirada pelo ambiente natural a seu redor.

Se eram raros os episódios de violência contra judeus decorrentes do antissemitismo austríaco, a chegada dos nazistas, e a implementação das Leis de Nuremberg deram o sinal que faltava para a perseguição começar. As agressões a judeus e a pilhagem de suas propriedades começaram imediatamente e os esforços para que eles emigrassem foram mais zelosos na Áustria que em todo o resto do Reich. De forma geral, cerca de dois terços da população judia (de mais de 200 mil pessoas) emigrou nos anos de 1938-1941, enquanto o terço restante foi morto como parte da Solução Final. Os nazistas austríacos envolveram-se completamente na tentativa de erradicação dos judeus da Europa e o número de austríacos que compuseram as tropas SS era desproporcionalmente alto (LUZA, 1975 apud BULLOCH, 2009, p. 142).

2.6 O pós-Segunda Guerra Mundial

Os soviéticos foram o primeiro exército aliado a entrar na Áustria ao fim da guerra. Chegaram a Gloggnitz em primeiro de abril de 1945, o que colocou Renner imediatamente em ação, depois de uma década à margem. Ele determinou a dois funcionários socialistas que organizassem um governo municipal democrático, tentou organizar redes de suprimentos para os que estavam passando fome e procurou os soviéticos para reclamar da brutalidade no tratamento aos civis, cujas casas eram reviradas em busca de armas.

Hoje não se acredita mais que o encontro de Renner com os soviéticos tenha sido tão fortuito. Ele era o único socialista austríaco cujo nome era conhecido por Stalin, a partir dos seus escritos sobre nacionalidades. Autores que se ancoram na hipótese não comprovada de que Stalin teria planos para uma tomada comunista da Áustria argumentam ainda que a idade avançada de Renner, então com 74 anos, e o comprometimento que tivera por sua aprovação pública da *Anschluss* em 1938, teriam feito parecer que seria complacente com interesses russos. Não há dúvidas, entretanto, de que o envolvimento de Renner era administrativamente conveniente para os Russos.

Nos dias seguintes Renner trabalhou arduamente em planos para reestabelecer a Áustria, favorecendo um sistema mais centralizado e a volta à constituição de 1920. Enviou uma carta a Stalin, agradecendo profusamente a União Soviética por ter liberado o país do jugo nazista e pedindo ao ditador para colocar o país sob sua poderosa proteção. Colocou ainda que via como sua obrigação colocar-se a serviço da reconstrução de seu país, listando as várias coisas que julgava o qualificarem para a tarefa. Sua bajulação continuava com a promessa de que os socialdemocratas trabalhariam junto com os comunistas na refundação do país cujo futuro pertencia ao socialismo. A carta deve ter feito mais mal que bem, pois embora Stalin já tivesse sua decisão tomada os aliados passaram a considerar que Renner iria ser uma marionete dos soviéticos.

Quando Renner se reuniu com o Marechal Tolbukhin em Viena, em 20 de abril, este surpreendeu-se ao saber que três partidos já haviam sido formados: o Socialdemocrata, o Comunista e o Popular (antigo Social cristão). Com a confiança de Stalin, a despeito do protesto dos comunistas, Renner foi indicado primeiro-ministro e montou um governo provisório. No gabinete, representantes de todos os partidos, com a maioria dos cargos ocupada por socialistas moderados. Em 27 de abril o governo provisório foi reconhecido pelos soviéticos, mas os aliados só viriam a fazê-lo quando Renner ampliou a participação do Partido Popular no governo e marcou eleições gerais para novembro daquele ano.

Com os 800 mil ex-membros do Partido Nazista proibidos de votar, a eleição foi um triunfo para os dois partidos principais: o Partido Popular conquistou 85 cadeiras, os socialdemocratas 76 e os comunistas, com apenas cinco por cento dos votos, 04 cadeiras. Foi formada uma grande coalizão para governar o país, com os comunistas participando simbolicamente, ocupando um ministério. Seis dias depois de completar 76 anos, comemorados numa festa com dois mil convidados, Renner foi eleito unanimemente presidente da Áustria (BULLOCH, 2009, p. 145-150).

Ele não pretendia ter uma função figurativa, cerimonial. A esquerda do seu partido acreditava que ele se tornara mais conservador desde que assumira a presidência, mas este movimento era uma consequência natural da sua decisão de ser um presidente apartidário. Para a população em geral, sua figura transmitia a imagem amigável porém com autoridade de um avô, com sua farta barba branca talvez servindo como uma lembrança inconsciente do imperador Franz Joseph (NASCO; REICHL, 2000, p. 190 apud BULLOCH, 2009, p. 151).

Reestabelecida a Áustria enquanto entidade política havia dois problemas prementes a serem resolvidos: o primeiro era reorganizar a economia, em especial acabar com a fome que assolava a população, o que foi feito primeiro com doações de alimentos pelos soviéticos e outros aliados e depois com a introdução do Plano Marshall no país, em 1947. Em 1949 o racionamento de alimentos foi suspenso e a economia já dava sinais de recuperação, com a produção industrial superando os níveis anteriores à guerra. O outro problema era o da soberania: sair da ocupação pelas quatro potências vencedoras da guerra. A aposta inicial de Renner de que este seria um processo rápido mostrou-se ingênua pois como a Alemanha, a Áustria ficou a meio caminho entre leste e oeste, no meio da Guerra Fria e houve a possibilidade do país ser dividido em dois, como foi feito com a Alemanha.

À medida que iam sendo revelados os horrores do Nazismo, fez-se necessário afastar-se o mais rapidamente possível da Alemanha, o que envolvia reescrever a história, criando uma nova nação, utilizando para isso a teoria ocidental de que uma nação é mais um construto político que étnico. O alicerce para essa construção veio de um documento dos aliados, de antes do fim da guerra, a Declaração de Moscou.

Neste documento, editado pelas Potências Aliadas em 1943, elas reconheciam que a Áustria tinha sido a primeira vítima da agressão nazista e expressavam sua vontade de que uma Áustria livre e independente fosse restaurada após a guerra. Constava entretanto uma ressalva dizendo que a Áustria deveria ser lembrada de que participara da guerra ao lado da Alemanha de Hitler e que nos arranjos finais seria levada em conta sua contribuição para sua própria liberação. Foi a partir do mito dos austríacos como vítimas, criado pela declaração, que os políticos e o público em geral puderam reorientar sua consciência nacional para longe do componente germânico.

Era tal o distanciamento que o mito da vitimização permitira aos austríacos, negando a participação em crimes dos nazistas, que em 1946 Renner fez um comentário exemplificativo desta tendência nacional, bem como de sua cegueira pessoal quanto aos crimes contra os judeus, ao dizer duvidar, dada a atmosfera

no país, que “a Áustria (...) viesse a novamente permitir que os judeus estabelecessem um monopólio familiar. É claro que nós não permitiremos que uma nova comunidade judia do leste europeu venha para cá e se estabeleça enquanto nosso próprio povo precisa de trabalho” (RAUSHER, 1995, p. 386 apud BULLOCH, 2009, p. 154).

A comemoração dos 80 anos de Renner, em 14 de dezembro de 1950, lembrou a festa de 80 anos do imperador Franz Joseph, ocorrida 40 anos antes, como se ele tivesse incorporado o próprio imperador. Houve festividades por todo o país, incluindo uma cerimônia no Parlamento em que o presidente foi saudado por uma fanfarra, da qual apenas os cinco deputados comunistas se recusaram a participar. Em 24 de dezembro, contudo, Renner teve um derrame cerebral e não se recuperou mais, morrendo na véspera do ano novo. Ele atingira o ápice enquanto figura pública, tinha virado um mito. A política conciliatória que estabelecera perduraria até 1966, com o Partido Socialdemocrata e o Partido Popular fazendo governos de coalizão, amparados na política de *proporz* pela qual os cargos públicos eram distribuídos a seus militantes proporcionalmente a sua representação relativa no parlamento, o que, se deu estabilidade, por outro lado gerou corrupção e a estagnação do sistema político (BULLOCH, 2009, p. 145-157).

Renner foi, portanto, um homem com suas contradições, virtudes e defeitos, um pensador original, que devotou sua vida não só a teorizar mas fundamentalmente a atuar politicamente em prol dos trabalhadores, dentro dos limites que encontrou.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou fazer uma apresentação introdutória sobre o jurista e político austríaco Karl Renner tendo em vista sua pouca divulgação no Brasil, a despeito do interesse internacional de que desfruta, em especial sua obra principal, *As Instituições do Direito Privado e suas Funções Sociais*. Trata-se da primeira iniciativa de uma sociologia marxista do Direito, publicada há mais de um século mas ainda não disponível em português ou espanhol, a despeito de recentemente reeditada nos Estados Unidos e de ter tido uma edição italiana na década de 1980.

Foram apresentados aspectos biográficos e da obra de Renner, em que se destacou também sua abordagem original para a questão das nacionalidades, que era central para o então Império Austro-Húngaro, de feição multinacional, assim como na atualidade mundial, em que propunha a convivência de várias nações num mesmo território, ao contrário do que viria a ser efetivado ao final da Grande Guerra, com a criação de novos países em função da população majoritária no território.

Esta foi uma das razões que permitem compreender a defesa, por Renner e pelos colegas socialdemocratas, da *Anschluss*, união política com a Alemanha, no pós-Primeira Guerra Mundial e anos seguintes, vista como única saída para a sobrevivência econômica e política da nova Áustria de população majoritariamente alemã, muito antes e em condições políticas diversas de quando veio a acontecer, sob os nazistas, em 1938, embora Renner a tenha saudado neste mesmo ano.

Uma das razões do pouco conhecimento sobre Renner e os demais expoentes do austro marxismo, grupo de políticos e intelectuais socialdemocratas ao qual pertenceu, como se viu, decorreu da crítica que recebiam, e do ostracismo a que foram relegados, por sua opção pela atuação no parlamento, em busca do consenso político, usando a democracia parlamentar e a força do voto e aliando-se aos Social cristãos majoritários para a formação de maioria. Entende-se como o acirramento dos ânimos os levou a deixar

a coalização centrista, culminando com um golpe de direita em 1934 e um governo clerical até a invasão nazista.

Finalmente, com a vitória dos aliados e a chegada dos Soviéticos, Renner assume novamente o protagonismo político, negociando junto às forças de ocupação a instalação da Segunda República, mantendo sua integridade, ao contrário do que houve com a Alemanha, e ao mesmo tempo iniciando o processo de desvinculação da tradição alemã, assegurado pelos aliados vitoriosos. Torna-se presidente e morre poucos anos depois, detentor de um destaque político que rivalizava com o do imperador Franz Joseph, que governara por quase sete décadas até meados da Grande Guerra.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. Introduction. In: BOTTOMORE, Tom; GOODE, Patrick (editors). **Austro-Marxism**. Oxford: Clarendon Press, 1978.

BULLOCH, Jamie. **Karl Renner Austria: Makers of the Modern World – The peace conferences of 1919-23 and their aftermath**. Londres: Haus, 2009.

JUDT, Tony. **Pós-guerra: Uma história da Europa desde 1945**. Tradução de José Roberto O`Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

RENNER, Karl. **The institutions of private law and their social functions**. Translated by Agnes Schwarzschild. London: Routledge & Kegan Paul, 1976.

_____. **Gli istituti del diritto privato e la loro funzione giuridica un contributo alla critica del diritto civile**. Bologna: Il Mulino, 1981.

_____. **The institutions of private law and their social functions**. Translated by Agnes Schwarzschild. With a New Introduction by A. Javier Treviño. New Brunswick: Transaction Publishers, 2009.

